



O CAMPEÃO

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPEONES DO SUL

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

UNIDOS, FIRMES E ORGANIZADOS, CONQUISTEMOS
TRABALHO ASSEGURADO E JORNAS MAIS ELEVADAS NAS CEIFAS!

APROXIMAM-SE AS CEIFAS!

Todos os ceifeiros e ceifeiras devem, sem perda de tempo, unirem-se e organizarem-se com o objectivo de numa forte acção, conquistarem, PARA TODOS, trabalho durante toda a ceifa e jornas compatíveis com o actual custo da vida.

A situação dos operários e operárias agrícolas é desesperada. O desemprego, a fome e a miséria que atingem os nossos lares e que, de ano para ano, se agravam, são a consequência da política de exploração que o salazarismo lança sobre os trabalhadores.

Os agrários, apoiados pelo governo e suas forças repressivas, tudo farão para, servindo-se da nossa negra situação, nos imporem jornas de fome. Com o aumento do uso das máquinas querem mesmo obrigar-nos ao desemprego durante as ceifas para mais facilmente poderem baixar as jornas.

Faça a esta situação há um só caminho — a luta unida, firme e organizada para conquistarmos trabalho e jornas mais elevadas.

A UNIDADE E A ORGANIZAÇÃO SÃO A GARANTIA DA VITÓRIA!

É necessário que em cada terra se façam reuniões para combinar as acções a desenvolver, e se criem Comissões de Unidade para orientar essas acções.

É necessário que as Comissões e grupos de homens e mulheres percorram toda a região e realizem reuniões com os trabalhadores das terras vizinhas com o objectivo de os atrair à luta comum.

É necessário alargar cada vez mais e rapidamente um movimento de unidade e de acção organizada, realizando reuniões e criando Comissões de Unidade em todo o lado, nas Praças de Jornas, nos ranchos, nas herdades, nos montes e nas aldeias, um movimento que se torne de tal forma potente que, dirigindo a luta, leve de vencida a política de fome do salazarismo e conquiste trabalho assegurado para todos e jornas mais elevadas.

As experiências de lutas anteriores têm demonstrado que é possível conquistar melhores condições de vida quando se luta organizada e decididamente. As jornas de 50\$00 e mesmo de 60\$00 conquistadas nas ceifas em anos anteriores são o resultado da acção firme dos ceifeiros.

CONTRATOS PARA TODA A CEIFA!

Um dos objectivos a atingir para a próxima ceifa é a conquista de contratos que garantam trabalho para todos os ceifeiros enquanto durar a ceifa e com jornas justas.

Devemos, desde já, agitar essa necessidade e serão os ceifeiros e ceifeiras, em concentrações nas Casas do Povo e pressionando as suas direcções, que conseguirão discutir livremente com os agrários as condições desses contratos. Depois há que obrigar os agrários a cumprir, até ao final da ceifa, o que ficar estabelecido.

Onde não for possível conquistar esses contratos é necessário combinar a jorna a pedir e, bem concentrados nas Praças de Jornas ou outros locais, defender firmemente essa jorna.

É preciso condenar as empreitadas mostrando a divisão que elas provocam e a exploração que representam.

A FOME NÃO MORREREMOS!

Mas se os agrários recusarem dar-nos trabalho, nós não podemos aceitar morrer à fome. Bem unidos e em massa concentremo-nos nas Praças de Jornas ou Casas do Povo e daí partamos para o campo a ceifar mesmo ao lado das máquinas impedindo que elas trabalhem enquanto houver braços parados. Fazamos marchas de fome com bandeiras negras desfraldadas e caminhemos, homens, mulheres e filhos, para as vilas e cidades para, junto das autoridades, gritarmos bem alto que temos fome, queremos trabalho. Não arredemos pé enquanto não forem atendidas as nossas justas reivindicações, pois só a luta unida, organizada e combativa pode impedir a miséria e a fome nos nossos lares.

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

Façamos, desde já, reuniões amplas e organizemos a nossa luta criando em todas as terras Comissões de Unidade compostas pelos ceifeiros e ceifeiras mais firmes e prestigiados!

Recusemos as empreitadas e lutemos por contratos que garantam trabalho para todos e uma jorna justa durante toda a ceifa!

Lutemos contra o desemprego não permitindo que as máquinas trabalhem enquanto houver braços parados e exigindo das autoridades trabalho para todos!

Apelamos para que apoiem a nossa luta justa e humana, a todos os trabalhadores, em particular aos ranchos de fora e aos que trabalham com as máquinas, e também aos comerciantes da nossa terra e aos pequenos agricultores!

Morremos os homens da GNR como a nossa luta é justa e ao mesmo tempo enfrentemos bem unidos e com coragem a repressão so os agrários e as autoridades lançarem mão dela!

Se lutarmos unidos, organizados e firmemente, todas as manobras dos agrários serão fracassadas e assim conquistaremos trabalho e pão!

Se lutarmos unidos, organizados e firmemente, A VITÓRIA SERÁ NOSSA!

TERROR SALAZARISTA EM ANGOLA!

QUE CESSE A IDA DE TROPAS PARA AS COLÓNIAS!

Salazar tomou conta directa do ministério da Defesa para afogar em sangue a população negra de Angola. Os últimos acontecimentos ali ocorridos, com homens, mulheres e crianças dizimadas à força de metralha pelas forças repressivas, testemunham bem o ódio que o salazarismo nutre pelos povos que lutam contra a escravidão e pela independência.

Dos mais de dez milhões de habitantes de Angola, Moçambique e Guiné (números das estatísticas oficiais de 1950) a população branca só contava 135 mil e os negros considerados civilizados eram 50 mil e oitocentos. Esta é a obra de «civilização» dos colonialistas! São milhões de negros que não têm quaisquer direitos, a não ser o de poderem ser obrigados a trabalhar como escravos em

troca de um salário mais que miserável. A vida dos negros nas colónias é muitas vezes pior que a dos trabalhadores portugueses, tão explorados também pelos salazaristas.

O povo angolano está actualmente lutando heroicamente pela sua independência. Essa luta não ameaça os interesses do povo trabalhador português, ameaça sim os interesses dos donos das grandes roças, das minas, das fábricas, dos que exploram os trabalhadores das colónias e os trabalhadores portugueses. A luta dos povos coloniais pela sua libertação está intimamente irmanada à luta do nosso povo, ela é uma poderosa contribuição à luta que travamos pelo derrubamento da ditadura fascista de Salazar.

É um dever apoiarmos, por todas as formas, a sua justa e humana luta. O melhor apoio que poderemos dar é alargar cada vez mais a nossa unidade e organização e lutarmos decididamente.

Lutar para que não sigam mais tropas para as colónias, onde vão matar e morrer pelo colonialismo e o salazarismo!

Lutar pelo regresso das tropas que lá se encontram e contra o terror a que recorrem as forças repressivas!

Lutar por negociações com os verdadeiros representantes dos povos das colónias!

Lutar contra o salazarismo, causador de tanta miséria e fome e agora de tantas mortes entre os trabalhadores portugueses e das colónias!

VIVA CUBA LIVRE

Dirigido por Fidel de Castro e outros destacados dirigentes da Revolução, o povo cubano infligiu pesada derrota ao imperialismo americano e seus lacaios que da agressão económica passaram à agressão armada contra Cuba.

Protestemos contra esta vergonhosa agressão enviando o nosso protesto à Embaixada Americana R. Duque de Loulé, 39—Lisboa.

Solidarizemo-nos com o povo de Cuba, na sua luta heroica.

VIVA CUBA LIVRE!

DOS PAÍSES SOCIALISTAS

No dia 12 de Abril, a poucos dias da histórica data do nascimento de LENINE, foi realizada, por um Homem Soviético, a primeira viagem através do Cosmos.

Este assombroso feito marcará uma data gloriosa na História da Humanidade. Ele representa uma grandiosa vitória do jovem regime socialista, com os seus poucos mais de 40 anos, contra o velho e podre regime capitalista condenado a desaparecer.

Saudemos o Herói, Comandante Gagarine, o primeiro cosmonauta do mundo.

Saudemos todo o Povo Soviético por esta vitória que é mais uma poderosa contribuição dada à causa da Paz e do Socialismo.

AS LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

SANTA MARGARIDA DA SERA (GRÂNDOLA)—Um rancho de mulheres, na moinha do trigo, ganhava 10\$00. Todas unidas decidiram pedir os 11\$00. Assim fizeram quando o agrário chegou. O agrário em resposta, pediu que comessem a trabalhar, depois te decidiram, «o seu dinheiro era igual ao dos outros», «pagaria o que os outros pagassem». Mas as valentes camponesas não se deixaram iludir e todas à uma responderam não ser isso que queriam ouvir, mas sim se estava ou não disposto a pagar os 11\$00. Por motivo da unidade de todo o rancho, o agrário viu-se obrigado a pagar os 11\$00.

ERMIDAS—Os agrários disseram

contratar as mulheres para o arrc a 14\$00, se fossem poucas e a 13\$00, se fossem muitas. Em resposta as camponesas da região decidiram exigir os 20\$00 e o horário das 8 horas. Como os agrários não cedessem as camponesas de Ermidas decidiram não trabalhar.

Também um rancho de jovens trabalhadores abandonou o trabalho porque o agrário não quis passar as 8 horas de trabalho.

Um outro rancho de trabalhadores conseguiu as 8 horas de trabalho.

SANTIAGO DO CACÉM—Em todo o concelho se tem travado numerosas lutas pelo aumento de jorna e o horário das 8 horas. Uma delegação de 4 operários dirigiu-se

à Câmara para que se torne obrigatório, em todo o concelho, o horário das 8 horas.

TORRE VÃ—Um rancho de trabalhadores ocupado na esgalha disse ao maneiro que não chegava a trabalhar se não lhes fosse dado o horário das 8 horas. O maneiro falou ao agrário que mandou pagar e depois despedir 2 ou 3 trabalhadores que considerou os cabeças. O maneiro assim fez e deu ordem aos restantes para entregar a trabalhar, mas a resposta de todos os trabalhadores foi que lhes pagasse para abalar. Quando o agrário soube da disposição e firmeza dos trabalhadores concedeu as 8 horas de

(continua na 2ª pag.)

A Junta de Colonização Interna distribuiu terras aos colonos de Pegões Velhos com as seguintes condições: Durante três anos os colonos estariam nas terras provisoriamente, entregando um sexto da produção à Junta; depois dos três anos ser-lhes-ia avaliada a propriedade que passariam a pagar, como colonos efectivos, durante o prazo de trinta anos. Entretanto, apesar de haver colonos com cinco e mais anos, ainda todos continuam a ter de entregar o sexto da produção permanecendo na situação de provisórios. Muitos colonos, depois de terem dado o seu esforço para desbravar muitos hectares de terra, têm abandonado a colónia mais pobres e menos saudáveis do que quando vieram.

Há pouco mais de dois anos a Junta de Colonização Interna fez aos colonos uma proposta para a construção de uma adega colectiva para nela ser fabricado o vinho dos colonos. Todos teriam de entrar, porém, com 2.000\$00, ficando como sócios fundadores. Apesar de poucos colonos se disporem a estas condições, a adega foi construída, tendo em fins de Setembro de 1960 já prontos os depósitos. Entretanto todos os colonos foram avisados, quer fossem sócios ou não da adega de que não poderiam vender as uvas livremente como o faziam até então; agora teriam de fazer o vinho na adega.

Como a maioria dos colonos não são sócios fundadores, foi-lhes imposta uma taxa de 100\$00 por pipa, ou seja 100\$00 por cada 500 litros de vinho. Assim um produtor que teve 4.500 litros de vinho teve de pagar 900\$00 além dum prejuízo de mais de 2.000\$00 por não terem deixado vender a uva livremente.

Mas a acrescentar a estes prejuízos, há outros. O engenheiro regente dificulta a venda do vinho pois já por três vezes não foi vendido por exigir um preço superior ao corrente. Isto tem provocado grande descontentamento entre os colonos pois, como a vinha dá grandes despesas, se não receberem rapidamente o dinheiro do vinho não poderão tratar dela. Os colonos dizem que se não lhes deixarem vender as uvas livremente têm de abandonar as vinhas.

Outra dificuldade com que lutam os colonos é a de não disporem

de liberdade para fazerem as suas culturas e estas serem, muitas vezes, mal orientadas.

Colonos de Pegões Velhos!

A chamada «colonização interna» não tem como objectivo senão o desbravamento de certas terras à custa do suor, da saúde e da miséria dos colonos.

Para poderdes lutar eficazmente,

contra a exploração que sofreis, é necessária a unidade dos colonos.

Uni-vos, estudai bem as vossas justas reivindicações e concentrar-vos junto dos escritórios da colónia para acabar com as roubalheiras e outras dificuldades que vos são impostas.

A vossa UNIDADE e a vossa ACÇÃO FIRME dar-vos-á a vitória!

Unidade dos camponeses por uma Reforma Agrária

De acordo com as leis básicas do sistema capitalista interessa a este o esmagamento da pequena e média produção. Assim consegue o capitalismo o alargamento do seu mercado interno.

No nosso país bem se pode verificar a destruição de tantos pequenos e médios lavradores que se vêm lançados na ruína e na miséria, depois de durante anos terem lutado com todas as suas forças, para manterem um pedaço de terra que de ano para ano diminui de extensão, ou de uma só vez passa para as mãos dos capitalistas. Sacrificando tudo por uma ilusória independência, são esmagados e proletarizados pelo capitalismo. Quanto às terras de renda elas são entregues depois de lá se ter deixado tudo o que se possuía, incluindo a própria saúde abalada pelas piores privações.

Esta realidade não pode ser escondida pela propaganda enganadora dos governantes. Ainda no

começo do ano se falou no benefício para a lavoura resultante da bonificação do gasóleo para consumo nos trabalhos agrícolas. Ora, quem beneficia com os 20.000 contos dos encargos previstos da bonificação? Por certo só os grandes lavradores, que possuem meios mecânicos para os trabalhos da lavoura. No fim de contas, tais medidas só vão permitir um mais rápido esmagamento dos pequenos e médios proprietários.

Já em Novembro passado a lei chamada de «melhoramentos Agrícolas», foi alterada para melhor servir os interesses dos latifundiários

Se o pequeno e médio lavrador quer sobreviver, no campo, terá de organizar a sua luta, numa estreita unidade com o proletariado, por uma mudança de regime, que modifique a actual estrutura agrária, reorganize a produção e o abastecimento, através da REFORMA AGRÁRIA.

AMNISTIA! AMNISTIA!

Numerosos operários agrícolas do Sul permanecem nas masmorras fascistas, tais como António Gervásio (de Montemor-o-Novo), Joaquim Diogo Velez (de Benavila), Abílio de Oliveira (de Ermidas) e muitos e muitos outros. Juntamente com Francisco Miguel e Manuel Rodrigues, que têm mais de 20 anos de prisão, há actualmente centenas de presos políticos, homens e mulheres, que necessitam da ajuda de todos os portugueses de coração.

Solidarizemo-nos com os presos políticos e auxiliemos as suas famílias!

Lutemos por todo o lado por uma ampla AMNISTIA que arranque os presos políticos das cadeias!

As lutas dos operários agrícolas

(continuação da 1ª pág.)

trabalho. Mas os trabalhadores exigiram o regresso ao trabalho dos camaradas despedidos e aumento de jorna. Perante a unidade dos trabalhadores o agrário teve de ceder se quis o trabalho feito.

ALGARVE—As mulheres que todos os anos, em ranchos, se deslocam para a região de Alcacere e Comporta, para as lavras do arroz, decidiram pedir a jorna de 22\$00. Como os grandes agrários só querem pagar 20\$00, nem um só rancho partiu até agora.

PIAS—Dezoito trabalhadores que trabalhavam numa pedreira e que ganhavam 26\$00 por metro, pediram 2\$00 de aumento, em virtude de não conseguirem tirar jornas de jeito. Como o encarregado se recusasse a dar o aumento, os trabalhadores, com excepção de 3 que nunca quiseram abandonar o trabalho, resolveram não pegar ao

trabalho enquanto não lhes fosse dado o aumento. A mando da PIDE, que tem aqui agentes, a GNR lançou uma grande repressão indo a altas horas da noite bater às casas dos trabalhadores a intimidá-los a comparecer no posto da GNR.

Dois ranchos de mulheres que andavam na monda a ganhar 12\$00 pediram aumento e passaram para 13\$00.

BALEIZÃO—Um rancho de 15 trabalhadores pediu aumento de jorna de 22 para 23\$00 e conseguiu.

Também um rancho de 9 mulheres pediu e conquistou aumento de 12 para 13\$00, no trabalho das mondas.

MONTEMOR-O-NOVO—Os trabalhadores que se ocupam nos trabalhos de carvoaria, através duma luta unida e firme têm alcançado aumentos nas jornas que passaram de 24 para 28\$00, depois para 30\$00 e agora para 32\$00.

TIRADORES DE CORTIÇA

CONQUISTEMOS
A JORNA DE 50\$00!
A UNIDADE É A VITÓRIA!

Tiradores de cortiça!

Em 8 horas de trabalho nós tiramos 20 arrobas que o lavrador vende por 1.600\$00. Mas nós, que temos todo o trabalho, única base da riqueza, ganhamos uma jorna de miséria.

Este ano, todos unidos, vamos conquistar para todos a jorna de 50\$00 e o horário de 8 horas.

Para tirar a cortiça não há ainda máquinas que os agrários utilizam contra os trabalhadores. Também não é fácil contratar ranchos de fora para fazer o nosso trabalho.

Que nem um só homem trabalhe fora destas condições:
Jorna—50\$00 Horário—8 horas

CATARINA EUFÊMEA

Foi no dia 19 de Maio de 1954 que Catarina EufêMEA, jovem operária agrícola de Baleizão, foi friamente assassinada pelo tenente Carrajola da GNR.

Este vil crime, que continua impune, é bem a marca dum regime inimigo dos que trabalham e sofrem — o regime de Salazar.

Jamais os camponeses esquecerão este assassinato e mais uma vez o dia 19 de Maio será uma jornada de unidade e de acção dos trabalhadores agrícolas. Esta será a melhor homenagem à memória de Catarina EufêMEA.

Cartas dos Leitores

OS AGRÁRIOS PERSEGUEM OS TRABALHADORES

As cheias do ano passado no rio Sado, no Sado, arrastaram grandes quantidades de arroz, que os agrários abandonaram. O povo, em virtude da miséria em que vive, trouxe de aproveitar o que pode, mesmo com risco da própria vida. O agrário Rosa Dourado (Quinta de Clima) fez intervir a GNR que revistou todas as casas da região e apreendeu todo o arroz encontrado.

Também os Mateus, grandes agrários de Grândola, despediram há algum tempo, um melioral de porcos só porque possuía uma telefonia da qual se fazia acompanhar enquanto guardava os porcos.

Estes agrários, que já em tempos disseram que haviam um dia de dar volta às suas propriedades a cavalo nos trabalhadores, dizem agora que os porcos não precisam de música, nem de noticiários.

Um operário agrícola

A CRISE AGRÍCOLA É O MAU TEMPO

O salazarismo, para procurar esconder as suas directas responsabilidades no actual estado de crise permanente em que se encontra a lavoura, fala do mau tempo como responsável da gravidade da actual situação.

As condições do tempo, boas e más, têm certa influência na produção agrícola, mas as medidas tomadas pelos governantes podem corrigir, dentro de limites aceitáveis, as variações da produção agrícola resultantes do tempo.

Tem-se falado do «mau tempo» como responsável da crise. Mas agora quando o lavrador não encontra saída para a batata, por causa dos obstáculos levantados pela organização corporativa, a culpa é, nesta altura, no dizer do salazarismo, do «bom tempo».

A crise da lavoura está ligada fundamentalmente à política salazarista de ruína dos pequenos e

médios lavradores, em proveito dos monopolistas e dos latifundiários.

Há algum tempo, o jornal «O Século» (21-XI-60), defensor dos tubarões da indústria e da lavoura, a propósito dos prejuízos causados à produção do arroz pelo «tempo», tinha de reconhecer que este só prejudica os pequenos e médios lavradores e nunca os grandes.

Na verdade o prejuízo avaliado em 50.000 contos só para o Ribatejo, na produção do arroz em 1960, deve-se à falta de secadores e armazenamento conveniente. Estes factos são de inteira responsabilidade de Salazar e seu governo que em vez de cuidarem dos interesses nacionais gastam milhões de contos em armamento, numa guerra colonial que a juventude portuguesa odeia e na repressão feroz contra os patriotas que exigem uma mudança de regime para que em Portugal haja Pão e Trabalho, Democracia e Paz.

Um rendeiro

Campanha de Auxílio para «O Camponês»

Abaixo a escravatura do campo.....	75\$00
Bicicleta vermelha.....	100\$00
Damos as mãos.....	40\$00
Damos as mãos.....	70\$00
Fora Salazar.....	25\$00
José Adelino dos Santos..	100\$00
Liberdade para Diogo Velez	25\$00
Lutemos pela Reforma Agrária.....	43\$50
Natal alegre e feliz para os presos.....	20\$00
Para tiragem de «O Camponês».....	20\$00
Um pequeno produtor....	35\$00
	553\$50